

Para além das já citadas Batalhas, salienta-se ainda o domínio da construção intrincada da Fantasia de 1º tom, de Pedro de Araújo (registada pela primeira vez em disco), a clareza textural do Primeiro Tento do 1º tom, de Rodrigues Coelho, os saborosos contrastes da Obra de 5º tom, de Fr. Domingos de S. José, a expressividade do belíssimo Tento sobre «*Con que la Lavaré*» e da Fantasia a 4, de António Carreira, ou o vigor rítmico e agógico da célebre «*Canção a quatro Glosada*» (mais rápida que em qualquer outra das múltiplas gravações existentes), do mesmo autor.

Acrescenta-se ainda que o CD conta com excelentes notas explicativas, da autoria de Miguel Ângelo Ribeiro.

CRISTINA FERNANDES

*Vocalizos* (António Vitorino de Almeida: *Três canções para soprano, trompa e piano, Casamento à moda antiga*; Eurico Carrapatoso: *Cinco melodias em forma de montemel, Duas porcelanas musicais, Sweet Rústica*; Manuel Pedro Ferreira: *Três canções de Rilke*; Fernando Lopes-Graça: *Três poemas em prosa*), Ana Ferraz (soprano), Gabriela Canavilhas (piano), António Costa (trompa), CD Movieplay Classics, Mov. 3-11050 (1997).

A Movieplay lançou em meados deste ano de 1997 um CD, *Vocalizos*, integrado na série 5 Séculos de Música Portuguesa, desta vez dedicado exclusivamente à música do século XX. Antes mesmo de me debruçar sobre os aspectos particulares do registo fonográfico e do seu conteúdo musical, importa dizer que *Vocalizos* é talvez o primeiro caso de sucesso genuíno de um disco de música «erudita» (na falta de um termo mais adequado) composta recentemente (e, portanto, contemporânea, independentemente da maior ou menor

pertinência actual das linguagens utilizadas). Antes também do comentário às obras e aos compositores pensei ser útil meditar um pouco sobre as razões extra-musicais de um êxito discográfico aparentemente sem precedentes no seu terreno específico. Todos conhecemos os «imperativos categóricos» que a *imagem* de um produto comporta sobre a atenção, quer dos consumidores, quer dos responsáveis pela comercialização desse mesmo produto. Por razões que desconheço (dinheiros insuficientes, má gestão, pouca criatividade, menorização dos problemas?) a maior parte, senão a totalidade das edições discográficas na área dita «erudita moderna/contemporânea» no nosso país são autênticos flagelos pictóricos. Títulos e nomes de peças e autores pouco legíveis, caracteres de estilo ultrapassadíssimo, fotografias feias e confusas, cores deslavadas, mais próprias de estafados calendários de estações de gasolina futuristas, enfim, um desastre sem remissão. Se, mesmo assim, o futuro comprador (ainda por cima habituado à excelente apresentação gráfica da maior parte da música dita «ligeira» ou à qualidade das edições estrangeiras) ainda insistir em pesquisar um pouco mais o interior do disco, depara-se a mais das vezes com uma escrita de ambiência árida, por vezes mesmo pseudo-erudita, e, no mínimo, absolutamente aborrecida.

É claro também que este hipotético comprador pegou no disco por puro acaso, pois não lhe foi possível vislumbrar qualquer tipo de publicidade ao mesmo. Contenta-se portanto o leitor destas notas com saber que possivelmente nas discotecas que ostentam uns cartõezinhos nas prateleiras com a informação «Novidades» será porventura razoável encontrar o dito CD. Mas apresse-se, porque as novidades são inerentemente voláteis, e no dia seguinte terá de pesquisar arduamente naqueles catálogos que ninguém possui à procura do disco que viu

no dia anterior.

Suponhamos então que o cliente pede para ouvir o CD, ou mesmo que o adquire à queima-roupa. Nesse preciso momento encontra quase inevitavelmente a (chamemo-la assim...) gravação barata à portuguesa, ou seja: o som é feio, confuso, os instrumentos parecem feitos de latas, e alguns são mesmo um verdadeiro horror (caso do torturado piano). Não só a qualidade da maquinaria e dos técnicos é duvidosa, como os instrumentos de estúdio usados são gastos e de qualidade periclitante.

Os dois últimos problemas prendem-se evidentemente com a qualidade das obras apresentadas e com a respectiva qualidade da interpretação. Este último problema é mais sensível em registos efectuados com obras orquestrais por orquestras portuguesas, húngaras e quejandas (que suponho serem quase de graça, pesada a quantidade de gravações efectuadas nos últimos 20 anos).

Dito isto e reconhecendo que fui propositadamente demolidor, há que salientar de um modo quase redundante que nem tudo tem sido assim tão mau e que é mesmo notável uma vontade geral de renovação. O que me preocupa não são porém as excepções ou promessas mas sim a regra que se tem imposto, e que mais tem contribuído para a *negação* de todo um tipo de repertório e respectivo enquadramento plástico.

Centremo-nos então em *Vocalizos* para afirmar com exaltação a recusa em participar neste bloqueio generalizado à música portuguesa, mormente à da nossa época. O disco está excelentemente apresentado do ponto de vista gráfico («Dupla» na concepção gráfica, e fotografias de Abílio Leitão), as notas sobre os autores e peças são razoavelmente concisas e interessantes, sem grandes pseudo-tecnicismos redundantes, e a publicidade feita de extremo bom gosto e

suficiente em quantidade. Só não ouviu falar de *Vocalizos* quem não quis ou quem anda muito distraído. Talvez por isso a crítica, habitualmente um pouco preguiçosa para certos eventos, se tenha movido desta vez, chovendo as recensões e as entrevistas aos intérpretes (na maior parte bastante elogiosas e mesmo triunfalistas).

A qualidade da gravação (por José Fortes) e o local escolhido para a efectuar (Igreja da Cartuxa) são igualmente da mais alta qualidade, embora me pareça que os microfones estiveram talvez um pouco próximos demais, e a reverberação natural da igreja (aliás excelente) foi um pouco exagerada em alguns (poucos) momentos. Da execução, pouco poderei dizer que o leitor não tenha já adivinhado. A inspiração, o amor genuíno ao repertório tocado, as horas de estudo e ensaio sem dúvida alguma exaustivos correm paralelamente aos restantes parâmetros de produção deste CD. A voz de Ana Ferraz, embora de pouca projecção ao vivo, é porém realçada em *Vocalizos*, sobressaindo assim o seu melhor, ou seja, uma grande pureza tímbrica (uma voz quase sem vibrato operático, prejudicial à música moderna no geral). Não estiveram tão bem em certos momentos mais exigentes de algumas obras a clareza da dicção e a segurança e pujança de notas sobre-agudas, embora tais problemas sejam pontuais e nunca de modo a quebrarem a impressão geral de beleza sonora. O piano de Gabriela Canavilhas é seguro, discreto quase sempre, e de grande força e precisão rítmica quando a isso é obrigado («Mira-me Miguel»). O mesmo se pode dizer da trompa de António Costa, de uma sonoridade refinada que varia entre os pianíssimos agudos redondos e os *bouchés* em fortíssimo (recordemos que a trompa é um dos instrumentos da orquestra sinfónica mais difíceis de tocar, o que realça bastante a eficácia e poder de sedução tímbrica demonstradas por António Costa).

Finalmente, eis-nos na questão que foca a escolha do repertório de *Vocalizos*. Não tenho dúvidas que os intérpretes quiseram um disco esteticamente coeso (o que porém o limita logo à partida como representativo de apenas *uma* direcção criativa), ao mesmo tempo que asseguravam a qualidade técnica de todas as obras. As canções de Manuel Pedro Ferreira trazem-nos à memória um certo Szymanowski, aliado a uma ambiência quase simbolista, que se quadram perfeitamente com os poemas escolhidos. Recordemos que Manuel Pedro Ferreira é um destacado musicólogo, e não propriamente um compositor a tempo inteiro, o que nos faz pensar que a mestria demonstrada nestas canções poderia eventualmente ser ampliada a outras obras ainda mais ambiciosas. Porque não? Quanto às obras de António Victorino d'Almeida incluídas em *Vocalizos*, são características do humor um pouco castiço que personalizam tanta da música deste compositor. Ironia terna, mesclada com o charme misterioso de uma velha foto de família antiga e já estragada pelas agruras do tempo é a nota dominante de *Casamento à moda antiga*, porventura a melhor peça do maestro neste disco.

O interesse maior de *Vocalizos* reside porém, na minha opinião, nas obras de Eurico Carrapatoso e Fernando Lopes-Graça. Datam da juventude de Lopes-Graça os *Três poemas em prosa*, tendo as 3 canções sido estreadas na Academia de Amadores de Música em 1930 por Arminda Correia, com o próprio compositor ao piano. Admiráveis de *métier*, de inspiração e profundidade, admiráveis ainda se considerarmos a extrema juventude de Lopes-Graça (22 anos apenas) e a *sagesse* dos poemas de Rabindranath Tagore. Com este e com outros ciclos compostos na mesma época inaugurava o compositor a maior e mais importante produção de *lieder* de que existe memória em Portugal, infelizmente ainda

não editada nem gravada na sua maior parte. Seria pedir demais que as entidades competentes promovessem de uma vez por todas esta grande música, ainda tão desconhecida e maltratada? Nunca será demais reflectirmos como é que compositores do século XX, bastante menos interessantes do que Lopes-Graça (Gustav Holst, Ernesto Halffter, Alberto Ponce, para só citar alguns, a meu ver, francamente menores) conseguiram uma relevância maior. A resposta parece residir uma vez mais na promoção dessa música, quer através de edições completas, quer através da divulgação em disco. Para bom entendedor...

Ainda umas palavras para Eurico Carrapatoso. É um compositor jovem (n. 1962), que teve porém a oportunidade de contactar com Lopes-Graça e Jorge Peixinho. Do primeiro terá confirmado a sua assumida posição «rural», mais concretamente transmontana, terra da qual não perde uma oportunidade para se afirmar orgulhosa e comovidamente nativo. Pela sua postura estética, neo-tonal, (confirmada pela audição e análise das obras), parece-me ser Eurico Carrapatoso o mais evidentemente «pós-moderno» dos compositores portugueses actuais (não constituindo naturalmente esta afirmação um juízo de valor mas sim e apenas uma «definição» de estilo).

A música de Carrapatoso, mesmo quando cita Bach, Mahler, Messiaen, Fauré, Stravinsky ou Frei Manuel Cardoso, não me parece porém conseguir repensar e transfigurar por completo essas linguagens, como por exemplo o faz um Luciano Berio (ouça-se a *Sinfonia* de 1968), um Peter Maxwell-Davies (arranjos que transformam obras medievais, renascentistas e barrocas em fox-trots de um grotesco insuportável), ou ainda um Alban Berg (no já distante *Concerto para violino* de 1935). A atitude de Eurico parece-me mais desinteressada.

Interessa-lhe mais o prazer sonoro do que a fiabilidade ou o eventual peso histórico da estética escolhida e recusa ir a reboque de virtuais contingências históricas ou de grupo, por vezes mais perniciosas que eficazes (vide por exemplo as frases talvez necessárias mas infelizes de Pierre Boulez nos anos 50-60, e comparemo-las com a atitude actual deste compositor...). Na beleza intrínseca da maior parte das peças, na mestria técnica demonstrada, na inspiração ora dolente, ora vigorosa e irónica/ternamente perversa, Eurico Carrapatoso parece-me mesmo assim cada vez mais perto desse *repensar* a linguagem tonal de que falei há pouco.

Ficamos no fim com a impressão de um disco quase perfeito, que poderia tornar-se ainda mais interessante se (e neste momento exprimo uma opinião absolutamente minha e absolutamente de gosto discutível e subjectivo) se, repito, os intérpretes tivessem optado por uma selecção de obras mais diversificada esteticamente. Seria com certeza um prazer poder escutar um trio desta qualidade em obras de Jorge Peixinho, Emmanuel Nunes ou António Pinho-Vargas, para só citar alguns dos compositores que navegam noutras águas.guardo pois, ansiosamente, o lançamento de um próximo (e merecido) disco.

SÉRGIO AZEVEDO